

Lago Paranoá de Brasília: análise espacial dos usos e ocupações da orla do lago para o lazer entre as décadas de 1960 a 1990 segundo as categorias do método geográfico de Milton Santos

Lake Paranoá Brasília: spatial analysis of the uses and occupations of the edge of the lake for leisure between the decades of 1960 to 1990 in accordance with the categories of the geographic method of Milton Santos

Luiz Daniel Muniz Junqueira¹

Este artigo foi recebido em 11 de OUTUBRO de 2016 e aprovado em 19 de MAIO de 2017

Resumo: Na pesquisa, objetiva-se descrever o processo de formação do espaço da orla do lago Paranoá, apresentar a infraestrutura e as áreas recreacionais na margem voltada para o lazer para identificar a realidade local. Para a descrição de usos e ocupações da orla do lago Paranoá, contextualizou-se, historicamente, a formação, o crescimento da cidade e a ocupação das margens do lago entre as décadas de 1960 a 1990. Na metodologia, utilizada para analisar o espaço, baseou-se em categorias e elementos do método geográfico de Milton Santos. Como resultado da pesquisa, foi possível compreender que existem poucas áreas na orla do lago adequadas para atender às necessidades de lazer da população local. Percebeu-se, ainda, que a orla do lago Paranoá é o espaço público que melhor pode proporcionar convívios sociais e diversas atividades de lazer.

Palavras-chave: lago Paranoá de Brasília, lazer, usos e ocupações do lago, categorias do método geográfico

Abstract: The research aimed to describe the process of formation of the space of the Paranoá Lake, as well as present the infrastructure and recreational areas on the shore facing the leisure to identify the local reality. Therefore, to describe the uses and occupations of the shores of Lake Paranoa was historically contextualized training, the city's growth and occupation of the shores of the Lake between the decades of 1960 to 1990. The methodology used to analyze space was based on the categories and elements of the geographic method of Milton Santos. As a result of this research, it was possible to understand that there are few areas on the edge of the Lake suitable for recreational needs of the local population. It was noticed that the shores of Lake Paranoa is the public space that can best provide social gatherings and various leisure activities.

Key words: Lake Paranoá Brasília, leisure, uses and occupations of the edge, categories of the geographic method

¹ Doutorando em Turismo e Hotelaria. Universidade do Vale do Itajaí — UNIVALI, Balneário Camboriú-SC, Brasil. E-mail: luiz.junqueira@ifb.edu.br

1. Introdução

Objetiva-se com este estudo descrever, historicamente, com base em subdivisões entre as décadas de 1960 a 1990, a ocupação da orla do lago Paranoá de Brasília, fundamentando-se, principalmente, nas categorias do método geográfico de Milton Santos. O interesse por esta pesquisa deu-se pelo fato de que os espaços públicos são as principais áreas que propiciam encontros e movimentos sociais. Em Brasília, a orla do lago Paranoá é o principal espaço da cidade capaz de promover atividades de lazer ao ar livre.

A lacuna teórica identificada para este estudo foi percebida pela realização de uma análise de categorias e elementos do método geográfico, aplicada empiricamente em usos e ocupações da orla do lago Paranoá de Brasília com vistas ao lazer para a população local, ou seja, apresentar a relação da ocupação e formação temporal do espaço com sua utilização para o lazer.

No estudo, reconhece-se que o Distrito Federal se tornou uma grande metrópole com concentrações de aglomerados urbanos definidos como Regiões Administrativas que necessitam de áreas públicas para a promoção de encontros sociais e de lazer com a finalidade de propiciar uma melhoria na qualidade de vida das pessoas que vivem na região.

Desse modo, fundamenta-se a pesquisa com base em autores, como Camargo (2003), Marcellino (2002) e Portuguez (2001), que argumentam que o lazer é a atividade na qual o homem se desenvolve pessoal e socialmente. A relação do lazer com o desenvolvimento humano é um contexto que promove uma categoria indispensável: o aproveitamento do tempo livre voltado para atividades de lazer.

Com base nisso, Camargo (2003, p. 97) menciona ser o lazer

[...] um conjunto de atitudes gratuitas, prazerosas, voluntárias e liberatórias, centradas em interesses culturais, físicos, manuais, intelectuais, artísticos e associativos, realizadas num tempo livre roubado ou conquistado historicamente sobre a jornada de trabalho profissional e doméstico e que interferem no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos.

Portanto se percebe que a proposta do lazer é que cada pessoa decida como realizá-lo, sem que ocorra alguma maneira de proibição ou obrigação. O lazer tem como característica a

escolha individual, livre de obrigações, com total liberdade de escolha. O que se dá ao contrário do trabalho, em que as pessoas são obrigadas a cumprir tarefas.

Com base no enfoque voltado para o reconhecimento do lazer em espaços públicos, na pesquisa, descreve-se o processo histórico de formação do espaço do entorno do lago Paranoá de Brasília e das atuais ocupações da orla, para, assim, apresentar a infraestrutura de lazer encontrada nesse espaço e a forma como se oferece, manifesta e utiliza nos dias atuais com o objetivo de descrever o aproveitamento da orla do lago pela população local.

Para isso, consideram-se os estudos de Santos (1986b, p. 7) nos quais menciona que, para analisar o espaço, é necessário apoio de outras disciplinas que se relacionam com o assunto:

[...] a História é o relato dos fatos que se sucedem um após outro [...] no tempo, enquanto a Geografia é a apresentação dos fenômenos que se encontram um ao lado do outro [...] no espaço. Reunidas, essas duas disciplinas compreendem o conjunto de nossas percepções.

Desse modo, os estudos relacionados com a história (processo temporal) estão diretamente ligados aos estudos da geografia para analisar-se a formação espacial (forma e função). O contexto histórico em que o espaço está inserido reflete diretamente na forma e nos modos de relacionamento social (por meio de estruturas).

Portanto foi necessário resgatar descritivamente o momento histórico da escolha do local no qual Brasília foi construída e, ainda, realizar uma análise temporal do crescimento da cidade até os dias atuais, separados por décadas, pois as formas e funções do espaço e dos modos de relacionamentos sociais foram-se modificando durante a idealização e construção da nova capital do Brasil.

Divide-se o trabalho em subcapítulos que se apresentam na seguinte ordem: primeiramente, a metodologia, na qual se explicam as técnicas de como se realizou a pesquisa; *a posteriori*, define-se a fundamentação teórica, em que se descrevem as categorias e os elementos do método geográfico de Milton Santos, enfoques teóricos de espaços públicos e privados e a definição de lazer adotada para este trabalho; em seguida, apresenta-se o contexto histórico do crescimento do Distrito Federal subdividido nas décadas de 1960, 1970,

1980 e 1990; complementando-se, faz-se a descrição dos espaços de lazer da orla do lago Paranoá; nas discussões dos resultados, interpretam-se as categorias no contexto histórico descrito; e, por fim, as considerações finais e referências adotadas.

2. Metodologia

De abordagem qualitativa com caráter descritivo, na pesquisa, também se apoia nas técnicas bibliográfica e documental para a análise do estudo proposto, pois a compreensão do objeto caracteriza-se por uma descrição da evolução espacial da orla do lago Paranoá de Brasília, envolvendo a coleta de informações documentais necessárias para descrever a realidade, motivada pela investigação da apropriação e utilização do espaço pela comunidade local.

No estudo, fundamenta-se a interpretação espacial com base no método geográfico de Santos (1997a) que aborda as categorias do espaço (forma, função, estrutura e processo) e seus elementos (homens, firmas, meio ecológico, infraestrutura e instituições), considerando-se que, em tal método, se analisa o objeto de pesquisa com base nas inter-relações geográficas entre o espaço e o homem nele inserido.

Para a descrição da formação do espaço da orla do lago Paranoá de Brasília, contextualiza-se o crescimento da cidade e a ocupação espacial por décadas, desde o período de construção de Brasília (1960) até a década de 1990, para melhor compreensão e visualização do crescimento populacional e, conseqüentemente, da ocupação do entorno do lago e seus usos com reflexos nos dias atuais.

Finalizando o estudo, descreve-se cada espaço existente na orla do lago Paranoá com potencial para o lazer da comunidade local, para caracterizar quais são e onde se encontram esses espaços voltados para o lazer e, ainda, qual a atual situação dessas áreas públicas e/ou privadas.

3. Análise do espaço segundo os elementos e as categorias do método geográfico de Milton Santos

A contextualização de epistemologias ajuda a compreender a evolução socioespacial como um fator da apropriação do homem no espaço. Isso se reforça com base no argumento de Santos (1997a, p. 1) que diz reconhecer o espaço como

[...] uma instância da sociedade, ao mesmo título que a instância econômica e a instância cultural-ideológica. Isto significa que, como instância, ele contém e é contido pelas demais instâncias, assim como cada uma delas o contém e é por ele contida. A economia está no espaço, assim como o espaço está na economia. O mesmo se dá com o político-institucional e com o cultural-ideológico. Isso quer dizer que a essência do espaço é social. Neste caso, o espaço não pode ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a Natureza. O espaço é tudo isso, mais a sociedade: cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual.

Tendo essa afirmação por base, considera-se para a pesquisa o espaço formado pelas relações da natureza com o homem e as relações sociais vigentes. Tudo que compõe o meio em que o homem habita pode ser considerado espaço. O que dá vida a essas relações são as interações com os processos sociais.

O espaço apresenta um aspecto de relativa inércia e outro que se transforma continuamente no decorrer dos tempos. Sua característica é a de adquirir relações sociais diferentes dependentes do contexto sociopolítico-econômico. Os significados das formas e estruturas que o espaço transparece estão ligados diretamente à conjuntura global da realidade histórica.

O lago Paranoá de Brasília, formado artificialmente, resultou da intervenção do homem e da modificação do espaço natural. Para entender as relações dos residentes de Brasília com o lago, foi preciso investigar o significado das transformações que esse espaço sofreu durante as décadas decorrentes.

Para os estudos das inter-relações do espaço, Santos (1997a) utiliza-se de uma metodologia em que caracteriza os elementos e as categorias do espaço. O autor define os seguintes elementos do espaço: os *homens*, as *firmas*, as *instituições*, o *meio ecológico* e as

infraestruturas. Em cada elemento apresentado, há características próprias que se relacionam entre si para formar o espaço.

Os homens, segundo Santos (1997a, p. 6), “[...] são elementos do espaço, seja na qualidade de fornecedores de trabalho, seja na de candidatos a isso; trata-se de jovens, de desempregados ou não empregados”. Entretanto o simples fato de uma pessoa estar envolvida no contexto implica uma demanda de trabalho. O autor completa ao dizer que: “Esses diversos tipos de trabalho e de demanda são a base de uma classificação do elemento homem na caracterização de um dado espaço”. Com isso, o elemento homem para a pesquisa proposta são os residentes no DF.

A demanda das pessoas envolvidas na sociedade é absorvida pelas firmas e pelas instituições. Assevera Santos (1997a, p. 6): “As firmas têm como função essencial a produção de bens, serviços e ideias. As instituições, por seu turno, produzem normas, ordens e legitimações”. As firmas caracterizam-se como empresas que oferecem produtos e serviços para a sociedade, portanto, para a pesquisa, as empresas de Brasília que produzem bens e serviços são consideradas como firmas. Já as instituições apresentam-se como o Estado, aqui considerado o governo do DF, responsável por estabelecer a ordem na sociedade.

Santos (1997a, p. 6) considera o meio ecológico como “[...] o conjunto de complexos territoriais que constituem a base física do trabalho humano”. Entende-se aqui como o lugar envolvido no contexto do espaço. O meio ecológico considerado na pesquisa é o espaço que envolve o DF.

As infraestruturas são definidas por Santos (1997a, p. 6) como “[...] o trabalho humano materializado e geografizado na forma de casas, plantações, caminhos, etc”. A infraestrutura é todo suporte que a sociedade necessita para estabelecerem-se as relações sociais, identificadas como as infraestruturas básicas da orla do lago Paranoá de Brasília.

Complementando-se, Santos (1997a, p. 7) menciona:

A simples enumeração das funções que cabem a cada um dos elementos do espaço mostra que eles são, de certa forma, intercambiáveis e redutíveis uns aos outros. Essas intercambialidade e redutibilidade aumentam, na verdade, com o desenvolvimento histórico; é um resultado da complexidade crescente em todos os níveis de vida.

Portanto fica evidente a possibilidade de que, com o crescimento das relações sociais e o avanço tecnológico, os elementos se confundam, ou, até mesmo, tomem outras formas para se apresentar. As relações desses elementos vão construindo um processo social cada vez mais interativo. Contudo, para entender a formação do espaço da orla do lago Paranoá, considera-se que esses elementos são inseparáveis e entendidos como um conjunto inserido no contexto histórico.

Segundo Santos (1997a, p. 14), os diversos elementos do espaço

[...] estão em relação uns com os outros: homens e firmas, homens e instituições, firmas e instituições, homens e infraestruturas, etc. Mas [...] não são relações apenas bilaterais, uma a uma, mas relações generalizadas. Por isso, e também pelo fato de que essas relações não são entre as coisas em si ou por si próprias, mas entre suas qualidades e atributos, se pode dizer que eles formam um Verdadeiro Sistema.

Ao analisar-se um determinado espaço, é importante destacar o momento e o cenário em questão. Neste estudo, atenta-se que o objeto de análise é a realidade presente em que o espaço está inserido, considerando-se o contexto histórico como indispensável suporte à compreensão da produção. A evolução histórica foi determinante para a formação do espaço e as relações dos elementos nele inseridos. Portanto se torna importante descrever como se formaram as ocupações da orla do lago Paranoá.

Além dos cinco elementos apresentados, há quatro categorias fundamentais para a compreensão do espaço as quais também se relacionam de forma interdependente. Em todas há um significado de acordo com o período histórico vigente, interferindo ou não nas relações com o espaço.

Para Santos (1997a, p. 47) a análise dessas mudanças

[...] que são tanto espaciais como econômicas, culturais e políticas, pode ser feita, [...] de um ponto de vista das diversas instâncias da produção, isto é, da produção propriamente dita, da circulação, da distribuição e do consumo, mas também pode tomar como parâmetro outras categorias, por exemplo, as consagradas estruturas da sociedade, isto é, a estrutura política, a estrutura econômica, a estrutura cultural-ideológica, à qual acrescentamos o que chamamos de estrutura espacial. A análise pode, também, adotar como ponto

de partida outra série de categorias: a estrutura, o processo, a função e a forma.

Para este trabalho, considera-se que as categorias do método geográfico complementam uma abordagem mais completa da realidade espacial. Assim, para uma melhor definição do espaço, devem-se compreender as inter-relações dessas categorias. Santos (1997a, p. 49) argumenta:

Um conceito básico é que o espaço constitui uma realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação. O espaço impõe a própria realidade; por isso a sociedade não pode operar fora dele. Consequentemente, para estudar o espaço, cumpre apreender sua relação com a sociedade, pois é esta que dita a compreensão dos efeitos dos processos (tempo e mudança) e especifica as noções de forma, função e estrutura, elementos fundamentais para nossa compreensão da produção de espaço.

Desse modo, a relação entre a formação do espaço da orla do lago Paranoá de Brasília e a sociedade está diretamente ligada. Assim, a compreensão do espaço deve-se apoiar na compreensão da realidade social, baseada no contexto histórico em que a sociedade se foi desenvolvendo até o presente momento.

Portanto, para Santos (1997a, p. 50), a “forma é o aspecto visível de uma coisa”. Uma definição inteiramente compreensível de que a forma é a maneira com que se veem os objetos que estão no espaço. A forma só se torna relevante quando a sociedade lhe confere um valor social. É preciso caracterizar a forma em que é apresentada a orla do lago Paranoá, e a forma atual desse espaço, ainda em processo de implantação da infraestrutura, para atender às necessidades da população.

A função da orla do lago Paranoá está diretamente ligada a sua forma, pois se define como uma tarefa ou atividade de determinada forma, pessoa ou instituição, e, desde o projeto inicial de Lúcio Costa, o entorno do lago é para promover encontros sociais e de lazer. Já a estrutura, definida por Santos (1997a, p. 50), “[...] implica a inter-relação de todas as partes de um todo; o modo de organização ou construção”. Portanto a estrutura compreende a forma com que os objetos do espaço se organizam.

Complementando-se, Santos (1997a, p. 50) define processo “[...] como uma ação contínua, desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de

tempo (continuidade) e mudança”. Então o processo caracteriza-se como o tempo inserido no contexto espacial e é uma propriedade fundamental na relação entre forma, função e estrutura, pois é ele que indica os acontecimentos do passado refletidos no presente. Santos (1997a, p. 51) acrescenta ao argumentar:

Num dado tempo, num momento discreto, esses ingredientes analíticos podem ser vistos em termos de forma, função e estrutura. Mas, ao longo do tempo, deve-se acrescentar a ideia de processo, agindo e reagindo sobre os conteúdos desse espaço. A dimensão do tempo histórico, quando variados fatores têm uma maior ou menor duração ou efeito sobre a área considerada, proporciona uma compreensão evolutiva da organização espacial.

Portanto se compreende que as relações entre forma, função, estrutura e processo estão ligadas para a análise espacial da orla do lago Paranoá e devem ser estudadas e analisadas na maneira como interagem para criar e recriar o espaço no decurso do tempo.

Entretanto as quatro categorias do espaço são termos ligados e, para o entendimento da construção do espaço, devem ser tomadas em conjunto, de acordo com o que foi abordado por Santos (1997a, p. 52):

Forma, função, estrutura e processo são quatro termos disjuntivos, mas associados, a empregar segundo um contexto do mundo de todo dia. Tomados individualmente, representam apenas realidades parciais, limitadas, do mundo. Considerados em conjunto, porém, e relacionados entre si, eles constroem uma base teórica e metodológica a partir da qual podemos discutir os fenômenos espaciais em totalidade.

Contudo, para compreender o espaço social, é fundamental tomar em conjunto forma, função e estrutura, inseridas em um determinado tempo (processo) como se se tratasse de um conceito único e indissociável.

Cada categoria apresenta importância significativa no contexto, não sendo nenhuma mais ou menos importante do que a outra, pois somente pela compreensão das quatro categorias juntas e analisadas é que se pode entender a formação do espaço.

Santos (1997a, p. 57) complementa ao mencionar que antes de tudo

[...] precisamos encontrar as categorias analíticas que representam o verdadeiro movimento da totalidade, o que permitirá fragmentá-la para em seguida reconstruí-la. Em outras palavras, precisamos descobrir as categorias apropriadas que nos capacitarão a apreender a marca da sociedade sobre a natureza e as relações existentes antes, durante e depois dessa metamorfose. [...] Essas categorias são estrutura, processo, função e forma, que definem o espaço em relação à sociedade.

A interpretação do espaço só se torna possível mediante uma análise que combine as quatro categorias, em que não haja nenhuma hierarquia, pois cada acontecimento é consequência de uma série de fatores ligados a uma conjuntura global.

Dito isso, considera-se que as relações entre homens, firmas, instituições, meio ecológico e infraestrutura e, ainda, forma, função, estrutura e processo apresentam um sistema, intrinsecamente dinâmico, que forma o espaço social produzido. Todos se interagem simultaneamente e são interdependentes uns dos outros, pois, para compreender o espaço, é preciso relacionar todos esses componentes.

3.1 Espaço público: características essenciais de uso coletivo

A característica principal do espaço urbano público é a possibilidade de realização de encontros e manifestações sociais. Gemzoe e Gehl (2002, p. 10) afirmam que, “embora os padrões de uso tenham variado no curso da história, apesar das diferenças sutis e variadas, o espaço público sempre foi lugar de encontro, de comércio e de circulação”. Portanto o espaço público se define como local de trocas e encontros da população e é facilmente interpretado como espaço aberto para uso coletivo.

Ghirardo (2002, p. 45) complementa ao mencionar que “o espaço público, nos séculos XIX e XX, tem sido definido de forma otimista como o espaço do coletivo, compreendido não como pertencente a um indivíduo, uma classe ou uma corporação, mas ao povo como um todo”.

Além desses autores, Gomes (2002, p. 159) também destaca a importância de espaços públicos para uma sociedade quando afirma que “[...] na base da ideia de liberdade e de igualdade, de um regime político que pretende estabelecer um valor isonômico entre as

peessoas, há uma condição espacial importantíssima e absolutamente necessária, a concepção de um espaço público”.

Gomes (2002) complementa abordando que é necessário retomar o espaço público como lugar de participação ativa, para discussões políticas, e onde existam debates, diálogo e transformações na vida social.

Assim, para Gomes (2002, p. 162), “fisicamente, o espaço público é, antes de mais nada, o lugar, praça, rua, *shopping*, praia, qualquer tipo de espaço, onde não haja obstáculos à possibilidade de acesso e participação de qualquer tipo de pessoa”.

No entanto alguns espaços públicos impõem algumas regras para o acesso. Nesse caso, há *shoppings*, no qual o espaço é aberto para toda a comunidade e o acesso é permitido somente às pessoas que respeitam as normas fixadas na entrada. A restrição mais comum que se encontra nessas áreas é a exclusão social, pois determinado grupo da sociedade que não se identifica, ou não tem um nível financeiro no mesmo patamar dos frequentadores mais assíduos, não irá frequentar tal espaço.

Já Hertzberger (1999, p. 12) define espaço público como “uma área acessível a todos a qualquer momento; a responsabilidade por sua manutenção é assumida coletivamente”. Insere aí a responsabilidade de a sociedade manter e preservar os espaços abertos. Assim, o Estado assume um papel importante, pois é função dele garantir a manutenção dos espaços públicos.

Contudo o Estado sozinho não tem condições para manter os espaços públicos em boas condições de uso para a sociedade. Parte daí a importância da própria sociedade se manifestar e colaborar a favor da manutenção dos espaços de uso coletivo.

3.2 Espaço privado: características de uso restrito

Do mesmo modo que se caracterizam os espaços públicos como de uso coletivo, considera-se que os espaços urbanos privados apresentam características de uso restrito, ou seja, individuais em sua maioria.

Reforçando esse argumento, Hertzberger (1999, p. 12) menciona que “privada é uma área cujo acesso é determinado por um pequeno grupo ou por uma pessoa, que tem a

responsabilidade de mantê-la”. A responsabilidade de preservar os locais privados restringe-se a poucos agentes no contexto social.

Os conceitos de “público” e “privado” podem ser vistos e compreendidos em termos relativos como uma série de qualidades espaciais que, diferindo gradualmente, referem-se ao acesso, à responsabilidade, à relação entre a propriedade privada e a supervisão de unidades espaciais específicas (HERTZBERGER, 1999, p. 13).

Os espaços urbanos privados podem ser definidos como residências particulares, em que somente os moradores têm total liberdade de acesso. Porém a responsabilidade sobre esse espaço é unicamente dos moradores das residências. Existem diversas residências particulares na orla do lago Paranoá de Brasília, descaracterizando o acesso público ao lago, proposto por Lúcio Costa.

Em alguns casos, os espaços podem ser um pouco maiores do que a própria estrutura física da moradia. Encontram-se nos condomínios residenciais, denominados “ilhas utópicas” por Gomes (2002), que dividem uma área de acesso “pública” entre os moradores do condomínio, todavia de acesso limitado a pessoas que dali não fazem parte.

Outros espaços urbanos privados, mas de uso coletivo, podem ser encontrados na maioria das cidades. Como exemplo, há os clubes particulares que são de propriedade de poucas pessoas ou de uma associação, mas que oferecem o espaço para um grande número de pessoas, mediante o pagamento de uma taxa cobrada com a finalidade de manutenção do local. A orla do lago Paranoá caracteriza-se por abrigar diversos clubes particulares. O acesso a esses espaços é restrito a sócios e convidados.

Os hotéis também podem ser denominados espaços privados de uso coletivo, pois existe um proprietário, ou vários proprietários, que mantém a infraestrutura adequada para o recebimento do público. No entanto esses espaços privados são abertos ao público mediante pagamento, semelhante aos clubes particulares. O que acontece do mesmo modo com as casas noturnas, pois qualquer pessoa pode frequentar o espaço, só que para isso é necessário pagamento para o acesso.

O bom aproveitamento dos espaços de uso coletivo é importante para a sociedade, pois promove o desenvolvimento social coletivo em um mundo cada vez mais distante dos encontros sociais em razão de avanços tecnológicos. Portanto áreas de lazer, encontros e manifestações sociais são necessárias à população.

Percebe-se, então, a importância da inserção do lazer nos espaços públicos destinados à sociedade. A orla do lago Paranoá é um grande espaço potencial para a promoção de encontros e manifestações sociais. Logo, deve-se entender o porquê do lazer ser importante para a sociedade e como pode ser mais bem trabalhado.

3.3 Lazer: compreendendo o conceito

Para entender-se o lazer, é necessário, primeiramente, resgatar o contexto do tempo disponível para essa atividade. Nesse aspecto, Yurgel (1983, p. 17) assim define tempo livre:

[...] a totalidade de tempo fora do sono, das refeições e do trabalho; o tempo que engloba todos os comportamentos fora do trabalho profissional ou doméstico; ou “o tempo que sobra depois das obrigações indispensáveis e da satisfação das necessidades vitais”.

Dessa maneira, percebe-se que o tempo livre é, em alguns casos, bastante reduzido, o que se reflete diretamente na disponibilidade de tempo que as pessoas têm para o lazer. No entanto as atividades de lazer não podem ser desconsideradas na sociedade atual, pois o estresse urbano, advindo da industrialização e do crescimento das cidades, sobrecarrega o bem-estar das pessoas, enquanto o lazer estimula o desenvolvimento pessoal/social.

Para Marcellino (2002, p. 14), “[...] além do descanso e do divertimento, outra possibilidade ocorre no lazer e, normalmente, não é tão perceptível. Trata-se do desenvolvimento pessoal e social que o lazer enseja [...]”.

Andrade (2001, p. 21) complementa:

O lazer é essencial à vida humana equilibrada, saudável e produtiva. É indispensável à conservação e ao dinamismo regular do ecossistema humano, cujo ponto ideal de produtividade se manifesta nas atividades

espontâneas e nas atitudes planejadas de expansão e de retração, de tensão e de relaxamento.

Evidencia-se, portanto, a importância do lazer para o equilíbrio psicológico humano, no qual a busca por um tempo de folga traz consequências benéficas e agradáveis ao organismo. O reflexo desse equilíbrio mental também incide na sociedade, pois a força produtiva (o ser humano) mantém um desenvolvimento pessoal/coletivo.

Somados a esses argumentos, Andrade (2001, p. 22) assevera:

A finalidade do lazer é conseguir a desaceleração das atenções pessoais, profissionais ou não, liberando-as das pressões decorrentes das atividades rotineiras ou habituais. O repouso que resulta do desarme psicológico e do relaxamento físico decorrentes da desaceleração, acena para as possibilidades do ganho ou da retomada de melhores condições para o bem-estar social. As posturas ou as ações de lazer ocorrem fora das situações ou das dimensões próprias ou comuns aos exercícios habituais de uma atividade sistemática ou profissional, mesmo que os atos rotineiros propiciem total integração social e satisfação pessoal plena.

Mesmo que existam realização pessoal e integração na atividade profissional desempenhada, as atividades de lazer apresentam um aspecto mais grandioso e mais integrativo na questão do desenvolvimento pessoal, já que qualquer atividade profissional envolve encargos financeiros, e as tensões psicológicas manifestam-se, mesmo intrinsecamente.

Contudo o lazer se apresenta de diferentes maneiras. As pessoas devem definir qual a forma mais adequada de satisfazer suas necessidades. Para Marcellino (2002, p. 18), não há dúvidas de que atividades de lazer

[...] devem procurar atender as pessoas em seu todo. Mas, para tanto, é necessário que essas mesmas pessoas conheçam os conteúdos que satisfaçam os vários interesses, sejam estimuladas a participar e recebam um mínimo de orientação que lhes permita a opção. Em outras palavras, a escolha, a opção, está diretamente ligada ao conhecimento das alternativas que o lazer oferece. Por esse motivo, é importante a distinção das áreas abrangidas pelos conteúdos do lazer. A classificação mais aceita é a que distingue seis áreas fundamentais: os interesses artísticos, os intelectuais, os físicos, os manuais, os turísticos e os sociais.

As áreas fundamentais do lazer, apresentadas pelo autor, envolvem uma rede de significados que, juntas, promovem o desenvolvimento pessoal/social. Os interesses artísticos são *shows*, teatros, cinemas, entre outros assuntos relacionados com as artes. O interesse intelectual é, principalmente, a leitura, e os interesses físicos caracterizam-se pela prática formal ou informal de esportes. O interesse manual está voltado para a manipulação, exploração e transformação da natureza, já os turísticos são, basicamente, conhecer novos lugares, e os sociais caracterizam-se pelo encontro com outras pessoas. Ressalta o mesmo autor:

Tendo em vista os conteúdos do lazer, o ideal seria que cada pessoa praticasse atividades que abrangessem os vários grupos de interesses, procurando, dessa forma, exercitar, no tempo disponível, o corpo, a imaginação, o raciocínio, a habilidade manual, o contato com outros costumes e o relacionamento social, quando, onde, com quem e da maneira que quisesse (MARCELLINO, 2002, p. 18).

É importante destacar que atividades artísticas, intelectuais, físicas, manuais, turísticas e sociais representam um meio de propiciar um desenvolvimento social/coletivo, repleto de significados que traduzem a maneira como uma sociedade convive; e a orla do lago Paranoá é um local onde é possível proporcionar esse desenvolvimento social. Porém a abstinência de uma dessas áreas fundamentais de lazer implica, de maneira direta, a sociedade, alienando parte da população que permanece segregada.

Sintetizando, Camargo (2003, p. 97) define o lazer:

[...] um conjunto de atividades gratuitas, prazerosas, voluntárias e liberatórias, centradas em interesses culturais, físicos, manuais, intelectuais, artísticos e associativos, realizadas num tempo livre roubado ou conquistado historicamente sobre a jornada de trabalho profissional e doméstico e que interferem no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos.

Percebe-se, então, que, no lazer, há algumas propriedades definidas. A atividade escolhida deve ser pessoal, porém nos determinismos culturais, políticos e econômicos. Deve ser desinteressada em questões financeiras e livre de obrigações. A busca deve estar voltada

para o prazer de realizar a atividade. Em alguns casos particulares, o convívio com a família e o trabalho encaixam-se como lazer.

4. Contexto histórico do crescimento do Distrito Federal

A ideia da construção do lago Paranoá vem desde o tempo das Comissões Exploradoras do Planalto Central, em 1894, em que pesquisadores estudaram a área mais adequada para abrigar a nova capital da República¹.

Durante a Comissão de Estudos da Nova Capital realizaram-se pesquisas a respeito do abastecimento das águas. Os resultados obtidos foram satisfatórios até mesmo durante os períodos de maior estiagem, quando as águas estão no ponto mais baixo. Vasconcelos (1978, p. 150) menciona que as conclusões de Luiz Cruls, chefe da Comissão de Estudos, foram satisfatórias e que a quantidade de água existente era suficiente para abastecer uma grande cidade. Para Cruls (1894, p. 18), a apreensão era a respeito do abastecimento de água para a população. Com isso, preocupou-se em estabelecer a futura capital na região em que era propícia e farta água potável.

Enquanto Cruls relatava seus estudos, o botânico Glaziou realizava importantes observações sobre os locais apropriados para a edificação da nova capital brasileira, tendo em vista as melhores condições de habitabilidade do homem. Afirma Fonseca (2001, p. 26):

[...] foi Glaziou quem fez as primeiras referências sobre a possibilidade de formação de um lago em torno da futura capital. Chama a atenção para dois aspectos naturais da planície por ele observada: a possibilidade de existência de um lago em “tempos de outrora” e a possibilidade de criação de um novo lago, com base na construção de uma “barragem”, aproveitando as qualidades que a água oferece.

¹ O interesse da transferência da capital do Brasil para o interior do País era por motivos de segurança nacional, para evitar manifestações populares e pelo próprio interesse em interiorizar o País, já que a população se concentrava na faixa litorânea. Além desses motivos, as condições econômicas do País foram determinantes para a exploração do interior do Brasil.

Foi na Comissão de Estudos da Nova Capital que se obteve a primeira ideia da construção de um lago artificial para a nova cidade. Com essa observação de Glaziou, foi possível, anos mais tarde, durante o governo de Juscelino Kubistchek, no período entre 1955 a 1960, ser formado o lago Paranoá de Brasília por meio da construção de uma barragem. Como primeiras funções do lago, havia o abastecimento de água e o tratamento de esgoto da futura população, o que realmente ocorreu.

As primeiras iniciativas para a construção da barragem são do final de 1956, com o início do processo de represamento do rio Paranoá. A formação do lago antecedeu a inauguração da cidade de Brasília, ocorrida em 21 de abril de 1960. Porém seu espelho d'água atingiu a cota desejada somente após a inauguração.

Com a forma do lago Paranoá concluída, sua função passou a ser entendida de acordo com os usos que a população fazia de suas águas; inicialmente, as atividades de lazer na orla não eram tão evidenciadas, restando ao lago a função de fornecedor de água e, após a implantação das Estações de Tratamento de Esgoto, servindo também para essa atividade, embora o plano original de Lúcio Costa indicasse que uma das funções do lago seria propiciar o lazer para a população.

4.1 Década de 1960

Segundo o Plano Estrutural de Ordenamento Territorial do Distrito Federal (1977, p. 25), a primeira fase da evolução demográfica do DF — a *fase inicial* —, de 1957 a 1960, foi o período da “febre” de construção da Nova Capital, caracterizada, principalmente, pelas correntes imigratórias pioneiras.

De acordo com Ferreira (1985, p. 50), nessa fase,

[...] Brasília cresce comportando-se como uma cidade de frente pioneira. Por sua especificidade de já ter surgido para ser uma cidade grande, teve, desde seu começo, um poder de direcionamento muito além da atração de excedentes populacionais locais ou regionais, canalizando as correntes migratórias nacionais para o mercado de trabalho, que se abria com a construção de uma obra de tal porte: a capital do País.

A imigração foi responsável pela implantação e construção de Brasília e pelos primeiros núcleos urbanos periféricos. Nessa fase, as taxas de crescimento anual foram bastante elevadas, alcançando valores em torno de cem por cento. Diversas pessoas de todas as regiões foram atraídas para o centro do País em busca do sonho idealizado da futura capital; sonhavam com oportunidades de emprego e moradia, e, conforme se aproximava a data de inauguração da capital, maior era o fluxo migratório.

A população, de 1957 a 1960, cresceu em mais de mil por cento, e esse ritmo de crescimento perdurou até 1965, embora em níveis mais atenuados. Esses dados provam que a intenção e o desejo inicial de desenvolvimento e urbanização do interior do País estavam-se tornando realidade em razão da construção da capital. Os dados contradisseram as pessoas que se posicionaram contra a construção da capital no meio do Planalto Central, as quais alegavam ser difícil efetivar-se a transferência da capital do Rio de Janeiro para Brasília.

Durante o período de 1961 a 1964, denominado *segunda fase* pelo POT do DF (1977, p. 25), ocorreu um crescimento anual linear e um decréscimo acentuado do ritmo, em relação à fase anterior. As taxas de crescimento situaram-se no intervalo de 17 a 32% ao ano.

Depois de um grande fluxo imigratório, a população de Brasília passou a ter taxas de crescimento estabilizadas. O grande *boom* de crescimento ocorreu na fase de construção da cidade, no final da década de 1950. Apesar de terem ocorridos problemas políticos nessa época, que influenciaram no crescimento populacional de Brasília, na cidade, continuou expandindo-se a população.

Esse crescimento anual, ainda predominantemente migratório (75%), forçou, em um tempo relativamente curto, o surgimento de novos núcleos urbanos ou “cidades-satélites”, que passaram a funcionar como polos de absorção dos imigrantes de baixa renda, pois na estrutura político-econômica que se refletia na construção da cidade de Brasília vigorava a alta burguesia.

Algumas cidades-satélites, como Taguatinga, surgiram antes mesmo do término da construção de Brasília, o que foi de encontro à proposta inicial de Lúcio Costa. A camada mais pobre da população que imigrava para a capital do País e que não tinha condições financeiras de residir no Plano Piloto deslocou-se e desenvolveu as cidades-satélites

localizadas próximas da capital. Esse fenômeno é peculiar, pois, à medida que Brasília demandava anualmente um contingente de quarenta mil pessoas, novos núcleos de população iam surgindo num ritmo tal que a estabilização só aconteceu a partir do início da década de 1970 (PLANO DE ORDENAMENTO TERRITORIAL DO DISTRITO FEDERAL, 1977, p. 27).

No período da terceira fase, que compreende o final da década de 1960 e o início da década de 1970, houve um crescimento linear e uniforme até o pico populacional de 1973. A população, nesse período, cresceu a taxas anuais médias em torno de dez por cento (POT — DF, 1977, p. 25), um crescimento muito menor em comparação ao início da década de 1960, e foi o período de consolidação de Brasília como capital da República.

Nessa fase, incrementaram-se as transferências de órgãos públicos, com o propósito de localizar em Brasília os principais organismos de decisão central (PAVIANI, 1985, p. 62). A partir daí, a cidade passou a ter um crescimento menos impactante para a capacidade da cidade e do DF, apesar de já haver indícios de problemas populacionais.

4.2 Década de 1970

O período de 1973 a 1977 foi denominado pelo POT — DF (1977, p. 25) a quarta fase da evolução demográfica do DF, caracterizando-se por uma queda no ritmo de crescimento depois do pico populacional, com tendência à estabilização das taxas de crescimento anual, com valores médios inferiores a dez por cento.

O crescimento praticamente reduziu-se à metade do ocorrido entre 1957 e 1960, mesmo se considerando um aumento populacional anual em torno de 43 mil habitantes. Ainda sendo um crescimento muito grande, no DF, havia menos imigrantes do que os do começo da implantação da cidade e, apesar da diminuição da imigração, os problemas populacionais ocorridos, por causa do grande crescimento em um pequeno período de tempo, passaram a tornar-se evidentes nessa década.

Surgiu a necessidade de rever o processo de planejamento do DF durante a década de 1970; a partir de então, os órgãos públicos passaram a ter uma preocupação central: assentar a

população migrante fora da bacia do lago Paranoá, especialmente fora do Plano Piloto, com os argumentos da capacidade limite do lago e da necessidade de preservação de Brasília como cidade administrativa.

Afirma Madoz (2004, p. 67):

Com a preocupação do governo em destituir essa numerosa população, das proximidades da bacia do lago Paranoá, a cidade-satélite de Ceilândia é assentada na parte oeste de Taguatinga [...] Inicia-se, dessa forma, uma nova cidade, em 1971, distante de Brasília e fora, portanto, da bacia do Paranoá.

No período de 1970 a 1975, fase de consolidação da estrutura urbana do DF, já se verificava uma atenuação no crescimento demográfico. A taxa de crescimento quinquenal caía dos 62% do quinquênio anterior para 46%, e a de crescimento anual para 9,74%. Mesmo com essa diminuição, demonstrada por estatísticas, a capacidade de suporte da população de Brasília, prevista para quinhentos mil habitantes, já ultrapassava essa previsão, conforme Paviani (1985, p. 65): “Dez anos após sua inauguração, o conjunto totalizava o limite populacional estipulado no edital de concorrência para a elaboração de seu Plano Piloto”.

A perspectiva da década de 1970 era de que, no ano de 2010, a população do DF estaria saturada em, aproximadamente, 2.400.000 habitantes; caso se mantivesse o nível de crescimento de um pouco mais de cinquenta mil habitantes anuais (POT — DF, 1977, p. 26).

Por esse e outros motivos, essa década foi marcada por preocupações com o crescimento populacional do DF, ainda mais que afetava diretamente o lago Paranoá. A intensificação da ocupação da bacia do lago Paranoá refletia-se diretamente na qualidade ambiental, por isso o assentamento das pessoas passou a ser feito nas cidades-satélites um pouco mais distante do Plano Piloto e afastado da bacia do lago.

4.3 Década de 1980

No documento elaborado pela Secretaria de Viação e Obras e pela Terracap (Companhia Imobiliária de Brasília), em março de 1985, intitulado *Brasília 57-85 (do plano piloto ao Plano Piloto)*, procurou-se registrar o ponto de vista do autor, Lúcio Costa, segundo

o qual o essencial deveria ser preservar e, ao mesmo tempo, avaliar as novas exigências decorrentes da efetiva concretização da cidade, de acordo com as recomendações do próprio urbanista (FONSECA, 2001, p. 214).

Com base nesse documento, foi possível estudar e tomar atitudes concretas em relação ao crescimento da cidade que estava sendo ameaçada no que se referia a propostas iniciais de urbanização e ocupação do solo.

Os estudos apresentados no documento *Brasília 57-85* foram decisivos para a edição do documento *Brasília revisitada 85-87*, no qual se pretendeu apresentar um rol de recomendações que visava a complementar e preservar as características do Plano Piloto e promover de forma ordenada a expansão urbana.

Nesse documento, acrescentava-se a importância de preservarem-se as áreas livres não edificáveis e a preocupação de que fossem mantidas as baixas densidades das construções próximas ao lago. E mais: Lúcio Costa alertava sobre a importância do lago para a escala bucólica da cidade, defendendo a necessidade da orla a fim de promoverem-se encontros sociais de que a cidade de Brasília necessitava, firmando assim sua função social.

Com o crescimento desordenado do DF em uma escala mais ampla, tornou-se importante voltar-se não só para os problemas do Plano Piloto, mas os de todas as cidades-satélites que envolvem o aglomerado urbano que se formou na região, pelo fato de ter-se tornado um sistema urbano interligado.

Destaca Ferreira (1985, p. 56):

Brasília hoje não pode ser considerada apenas como o Plano Piloto de Lúcio Costa, como era nos anos cinquenta. Tampouco pode ser apenas a cidade com seus núcleos periféricos dispersos dos anos sessenta. Ela é agora a metrópole, que envolve, além desses espaços, os municípios vizinhos do entorno do Distrito Federal.

Com esses dados, percebe-se como a população das cidades-satélites tornou-se consideravelmente maior do que a do Plano Piloto a partir da década de 1980. Com isso, pode-se afirmar que o DF passou a ter um formato polinucleado, com visíveis diferenças sociais, conforme Paviani (1985, p. 63).

Fica claro, portanto, que a cidade, planejada para ser fechada do ponto de vista de desenho urbano, desenvolve-se prematuramente de um formato polinucleado; fora designada para ser socialmente igualitária, mas sua população vê-se submetida a desiguais encargos sociais e econômicos, metropolizando-se como qualquer outra grande cidade brasileira ou latino-americana.

Brasília, em 1987, com apenas 27 anos e em pleno processo de crescimento populacional, foi tombada pelo Patrimônio Histórico Cultural. As consequências do tombamento refletem-se na contínua expansão urbana do DF para as cidades-satélites. Como são proibidas alterações na estrutura da cidade, os investidores imobiliários partiram para a construção de prédios residenciais enormes nas cidades próximas ao centro do Plano Piloto de Brasília, expandindo-se, assim, a população no entorno.

4.4 Década de 1990

Os dados do Censo de 1991 revelaram que a população da bacia do lago Paranoá — incluindo-se Brasília, Lago Sul, Lago Norte, Candangolândia, Cruzeiro, Núcleo Bandeirante, Guará, Riacho Fundo, Paranoá e parte da Região Administrativa de Taguatinga — era, naquela data, de 506.498 habitantes, enquanto a população total do DF, mais de um milhão e meio.

Esse crescimento desordenado era preocupante para a bacia do lago Paranoá, tanto que novas ideias de abastecimento foram surgindo nas cidades-satélites, aliviando a sobrecarga da função de abastecimento da população pelo lago Paranoá.

A evolução do crescimento de Brasília deu-se principalmente pelos fluxos migratórios. Desde a década de 1960 até a de 1990, o crescimento urbano foi-se aproximando do lago Paranoá e estabelecendo-se próximo de sua bacia. Contudo, com a aproximação da cidade em direção do lago, foi crescendo também a preocupação em preservá-lo.

Conforme apresentada a estrutura político-econômico-social correspondente ao crescimento populacional de Brasília, percebeu-se que a população foi caminhando vagarosamente em direção ao lago Paranoá; o que ocorreu desde o *boom* do período inicial da

construção da cidade, no final da década de 1950, continuado durante a década de 1960, passando por momentos de crescimento linear no final da década de 1970 e durante a década de 1980 até a consolidação de uma grande metrópole nos anos 1990, constituída do Plano Piloto e das cidades-satélites.

Como toda grande metrópole, as bacias que alimentam o abastecimento de água e de esgoto devem ser preservadas para manter a qualidade de vida da população. Apesar de ter extrapolado as previsões iniciais da população, as medidas tomadas durante os anos anteriores tornaram-se eficientes desde que não ocorram maiores danos ao meio ambiente no qual o DF está inserido.

5. Espaços de lazer na orla do lago Paranoá

No projeto inicial da construção de Brasília, Lúcio Costa determinou que o entorno do lago Paranoá deveria abrigar áreas destinadas ao lazer da comunidade e definiu esse espaço como a escala bucólica da cidade. Porém, no início do crescimento de Brasília, o lago foi esquecido, servindo apenas para tratamento de esgotos.

No entanto, após algumas alterações no plano original de Lúcio Costa, a cidade aproximou-se do lago e, somente na década de 1990, iniciou-se a implantação da infraestrutura na orla do lago com vistas ao lazer na região.

Já na década de 1960, foi construída, na orla do lago Paranoá, o Iate Clube com a finalidade de promover encontros sociais da comunidade — construção prevista no plano original de Lúcio Costa. Além do clube, outros mais foram surgindo na orla com a intenção de reunir e promover o lazer para associações bancárias, policiais, do exército, entre outras. Nesse momento, as únicas infraestruturas na orla do lago eram os clubes particulares e, assim, percebe-se que a utilização do entorno do lago Paranoá era elitizada pela destinação a algumas camadas sociais mais favorecidas economicamente.

A infraestrutura do Iate Clube, voltada para o lago Paranoá, representa a valorização do lago para a escala bucólica da cidade, justamente o que desejava Lúcio Costa. Além do Iate Clube, encontra-se na orla do lago Paranoá, tanto na parte sul quanto na parte norte, mais

de vinte clubes particulares. Isso demonstra que uma parte significativa da infraestrutura implantada para o lazer na orla do lago apresenta um caráter particular, restringindo-se o acesso ao público.

No início da década de 1990, o governo do DF implantou o Projeto Orla com a finalidade de aproximar a cidade do lago e, ao mesmo tempo, reutilizar a orla para a promoção do lazer da população local, visando ao desenvolvimento urbano da orla para o aproveitamento turístico, econômico e social.

Objetivava-se com o Projeto Orla: promover a ocupação da orla do lago Paranoá com equipamentos de turismo, comércio e lazer visando à ampliação da atividade turística de Brasília; gerar emprego e renda; desenvolver setores especializados na economia local; oferecer a orla ao desfrute da população, pois, anteriormente, era ocupada apenas por clubes e residências particulares; preservar o meio ambiente.

Para a implantação da infraestrutura no Projeto Orla, o governo licitou as áreas para concessão de uso; assim, poderia o setor privado fornecer a capacitação financeira da infraestrutura, restando ao governo a implantação de infraestrutura básica, como o acesso ao saneamento e à energia elétrica.

Na primeira versão, em 1992, no Projeto Orla, previa-se a implantação de dez polos de atividades, mas, em 1995, ganhava-se uma atualização, composta por 11 polos e um calçadão interligando-os. Porém se verifica que, atualmente, o Projeto sofreu algumas alterações no planejamento inicial, como a exclusão de dois polos (9 e 10) por motivo de indisponibilidade de área e de ordem técnica. Além disso, o calçadão planejado para interligar os polos de atividades ainda não existe.

A ocupação do Projeto Orla voltou-se inteiramente para a parte da orla do lago próxima do Plano Piloto, por facilitar o acesso da população, por existir um grande espaço desocupado, pelo fato de a implantação do projeto nessa parte da orla evitar ocupações irregulares e, também, por estar bastante ocupada por residências particulares a parte leste da orla do lago.

O Polo 1, Pontão do lago Norte, situa-se na Península do lago Norte, ao lado do Clube do Congresso. Foi previsto para esse espaço a construção de uma marina pública, uma escola

de vela, pequenos centros comerciais e áreas para cultura, esporte, lazer e recreação infantil. Esse polo foi criado para constituir-se no maior centro de lazer da comunidade do lago Norte, porém, no local, nada ainda foi construído, existindo apenas uma área pública para contemplação da paisagem do lago Paranoá e alguns autônomos alugando pranchas de *Stand Up Paddle*.

O Polo 2, Complexo da Enseada, destina-se à construção de hotéis, restaurantes, quiosques, bares, feiras de antiguidades e artesanatos, marinas e ancoradouros. Situa-se entre os Clubes Almirante Alexandrino e da Aeronáutica e encontra-se em negociação com o Clube da Aeronáutica para sua viabilização. Outro polo do Projeto Orla que também não está implantado e é mais uma área sem infraestrutura, o que impede o aproveitamento pela população.

O Polo 3, Complexo Brasília Palace, situa-se entre o Clube da Imprensa e o espaço livre próximo ao Palácio da Alvorada, denominado Bosque dos Leões. Área destinada para hotéis, entre eles o atual Royal Tulip Brasília Alvorada, Lake Side e o Brasília Palace e caracterizada como polo cultural, pois já existe no lugar o Museu de Arte de Brasília, apesar de estar fechado há vários anos, e a Concha Acústica (local mal preservado, apesar de ocorrerem eventos pontuais), restando apenas o Pavilhão Bienal de Arte para constituir a Praça das Artes. No projeto, constam, ainda, as instalações de pontos para comércio, bares, restaurantes, cinemas e marinas. Atualmente, ocorrem alguns eventos musicais na Concha Acústica, porém poderia ser mais bem aproveitada, pois há uma excelente área para abrigar *shows* populares. Nesse local, também foi construído, temporariamente, um espaço de eventos, denominado Praia, que atrai um bom público em espetáculos musicais.

O Polo 4, Parque do Cerrado, é uma área de preservação ecológica às margens da lagoa do Jaburu, no Palácio do Jaburu, e cabe à Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos posicionar-se para a implantação do Polo. O espaço é destinado à construção do Museu do Cerrado, porém a consolidação desse polo não tem previsão para ser implantada.

O Polo 5, Marina do Paranoá, situa-se entre o Clube das Nações e o espaço da antiga Academia de Tênis (desativada) e destina-se à atividade hoteleira, à construção de uma marina pública, bares, restaurantes e ao comércio de pequeno porte. Sua implantação ainda

está em fase de negociação, conduzida pelo setor público responsável. Próximo ao local, já surgiram alguns condomínios residenciais.

O Polo 6, Centro de Lazer Beira Lago, destina-se à criação de um centro comercial e de diversões, e à instalação de bares, restaurantes, lojas de conveniência, espaços para arte e cultura e marina pública. Situa-se próximo do acesso à Ponte JK. A inauguração da ponte fez com que aumentasse o movimento para aquela área do entorno do lago Paranoá atraindo pessoas para ali passearem e caminharem, o que facilitou a implantação. Atualmente, é um dos locais com maior investimento do setor privado, contando com diversos restaurantes. No local, a população também frequenta o próprio lago Paranoá com atividades aquáticas.

O Polo 7, Parque Tecnológico, destina-se a abrigar o Museu da Ciência e Tecnologia, no qual estão previstas áreas para exposições, conferências e comércio relativo à ciência e tecnologia. O projeto já se encontra aprovado, mas ainda não se iniciaram as obras e nem há previsão para tal, o que poderia transformar tecnologicamente a cidade.

O Polo 8, Centro Internacional, foi concebido para abrigar um conjunto de edificações destinado a Organismos Internacionais. Encontra-se situado equidistante das Embaixadas Sul e Norte de Brasília e próximo da Esplanada dos Ministérios. Ainda não tem nenhuma construção na área e provavelmente não será implantado.

O Polo 9 era para ser o Parque Aquático do Projeto Orla, centro de atração náutica, rico em atividades de lazer, com a implantação de uma marina e de comércio, ligado à atividade náutica, bares e restaurantes. Foi inviabilizado por indisponibilidade de área.

O Polo 10, Praça das Nações, foi indeferido pelo Instituto de Planejamento Histórico e Artístico Nacional, embora destinado à construção de pequenos pavilhões para mostras de cultura e história dos diferentes países que têm representação diplomática em Brasília. Portanto outro polo do Projeto Orla que foi excluído.

O Polo 11, Pontão do Lago Sul, dispõe da melhor infraestrutura na orla e está em plena atividade. Em seu espaço, estão implantados bares, restaurantes, um calçadão margeando o lago Paranoá, uma área para feiras e exposições e um atracadouro para barcos. Consagrado espaço para encontros sociais da população local, é bastante frequentado por

peças de classe socioeconômica alta pelo fato de a infraestrutura implantada voltar-se para esse público. No espaço, também são realizados eventos musicais e culturais.

Embora o Projeto Orla tenha norteado o desenvolvimento do lazer e da aproximação da cidade em direção ao lago Paranoá, há algumas áreas que não foram incluídas no projeto e são frequentadas pela população. Entre esses espaços públicos, encontra-se o Parque Ermida Dom Bosco, localizado próximo da barragem do lago Paranoá, com uma infraestrutura razoavelmente adequada, faltando implantarem-se quiosques, áreas com sombra e bancos. Esse parque é bastante usado para práticas esportivas, aproveitamento do sol, contemplação da paisagem e outros aspectos naturais. O mirante do parque encontra-se na entrada e tem uma estátua de dom Bosco².

Outro local voltado para o lazer público de Brasília, na orla do lago, situa-se próximo da Ponte das Garças e apresenta infraestrutura com restaurantes, casa de festas, área para a prática de esportes, como o tênis e o futebol, *shopping* e, com menos infraestrutura, um local, denominado “prainha”, que é uma área aberta próxima do lago, bastante procurada nas comemorações da virada do ano.

A Península Sul — Península dos Ministros — apresenta uma área aberta ao público nas margens do lago Paranoá. Embora residências particulares tenham-se aproximado bastante do lago, preservou-se uma faixa que conta com uma área para caminhadas, próxima do lago. A infraestrutura não é adequada, pois não há conservação da calçada e implantação de quiosques para o consumo de bebidas e alimentos. Existem diversas residências particulares ocupando o espaço da Península, o que caracteriza esse espaço como moradia particular em vez de área pública de lazer.

Uma área que poderia ser mais bem aproveitada é o Morro do Asa Delta, localizado no Lago Sul e pouco frequentado justamente por não ter uma infraestrutura adequada. A visita ao local resume-se na contemplação da paisagem que conta com um morro singular encontrado em poucas áreas da orla do lago. Há um grande espaço no qual poderiam ser implantados

² Dom Bosco, padre italiano, previu, em 1883, o surgimento de uma grande civilização entre os paralelos 15° e 16°, exatamente onde Brasília foi construída.

quiosques e até mesmo um restaurante. Além disso, uma marina também poderia ser construída no local, para, assim, ter-se um ponto de parada dos barcos que ali navegam.

O espaço público encontrado na parte norte do lago Paranoá é o Parque do Lago Norte, próximo da Ponte do Bragueto, que apresenta uma marina usada para pesca, além de churrasqueiras e parques infantis. No outro lado do lago, encontra-se um calçadão e estruturas para caminhadas na beira do lago e prática de esportes aquáticos. No local, ocorrem diversos eventos culturais.

6. Discussões sobre os resultados

O contexto histórico de Brasília, desde sua construção até os dias atuais, no qual se inserem as relações sociais dos residentes em relação à orla do lago Paranoá é fundamental para que se compreenda como o espaço se formou.

Com o tempo, determinado por décadas neste estudo, percebeu-se que as relações socioespaciais ganharam significados diferentes. É evidente que a valorização da orla do lago Paranoá, perante a sociedade, deu-se a partir do momento em que a poluição do lago foi diminuindo. Essa valorização, por meio do processo de despoluição, pôde ser percebida, considerando-se categoricamente a teoria, conforme explicita Santos (1997a, p. 2):

Como as formas geográficas contêm frações do social, elas não são apenas formas, mas formas-conteúdo. Por isso, estão sempre mudando de significação, à medida que o movimento social lhes atribui, a cada momento, frações diferentes do todo social. Pode-se dizer que a forma, em sua qualidade de forma-conteúdo, está sendo permanentemente alterada e que o conteúdo ganha uma nova dimensão ao encaixar-se na forma. A ação, que é inerente à função, é condizente com a forma que a contém: assim os processos apenas ganham inteira significação quando corporificados.

Desse modo, percebe-se que a ocupação efetiva da orla do lago por residências particulares começou já a partir da década de 1960, criando-se uma nova forma para aquele espaço e acrescentando-se elementos à função essencial.

De acordo com Fonseca (2001, p. 38), nos anos 1960,

[...] a área da Península Norte foi ocupada, instituindo-se o Setor de Habitações Individuais Norte, o Lago Norte, registrado em cartório no ano de 1961. Diferente dos lotes do Setor de Mansões, os terrenos das habitações individuais do Lago Sul e do Lago Norte não iam, com raríssimas exceções, até as margens do lago, prevendo-se uma faixa livre de acesso às margens.

No começo da ocupação pelas primeiras propriedades particulares, identificou-se que houve o cumprimento da lei que proibia a aproximação até as margens, o que mantinha livre acesso ao lago e não modificava a função de lazer da orla pela comunidade.

No entanto as invasões das áreas públicas foram ocorrendo depois dessa década, de acordo com a estrutura socioeconômica vigente em que se passou a valorizar o espaço do entorno ao lago Paranoá.

Embora as residências ficassem restritas à aproximação do lago, algumas construções, com finalidades de integração social, foram feitas, margeando o lago, conforme menciona Fonseca (2001, p. 38):

Os primeiros clubes foram construídos em 1960, destacando-se a construção do Iate Clube, do Cota Mil, da AABB e do Clube do Congresso. Esses clubes, desde os primeiros anos da capital, atingiram realmente seus objetivos. Constituíam-se como áreas de lazer e entretenimento das famílias, especialmente dos funcionários públicos, que vinham transferidos do Rio de Janeiro.

Percebe-se, portanto, que, desde a sua idealização, já se previa a necessidade de resguardar áreas de lazer e encontros sociais na orla do lago, caracterizando-se sua função, simbolizada pelas formas nas quais os clubes particulares dispunham suas estruturas às margens do lago.

Vale lembrar que os clubes particulares só atenderiam às pessoas que tivessem uma renda suficiente para a associação, o que diminuiria a apropriação do homem perante as instituições particulares.

No final da década de 1960, o processo de ocupação de Brasília começava a mostrar sinais de estrangulamento social. Problemas populacionais principiavam a refletir-se na função e estrutura do lago.

Segundo Fonseca (2001, p. 199), em 1969,

[...] foi criada a Companhia de Água e Esgotos de Brasília, CAESB, pelo Decreto-Lei n.º 524, atual Companhia de Saneamento do Distrito Federal, tendo como atribuições, o controle da poluição hídrica, a conservação, proteção e fiscalização das bacias hidrográficas, para fins de abastecimento de água, além daquelas inerentes à área de saneamento. A CAESB foi, portanto, a primeira empresa de saneamento do País a atuar na área ambiental, com competência legal para isso.

Com a Companhia de Água e Esgotos, criada no final dos anos 1960, na década de 1970, entra-se na história de Brasília com preocupações acerca do meio ambiente e suas implicações para o futuro da cidade, pois, com esse crescimento desordenado e fora do controle do governo local, o lago Paranoá e sua bacia sofriam diversos impactos ambientais em razão de a população aproximar-se, modificando-se a forma desse espaço e, conseqüentemente, a função.

Além disso, a ocupação irregular da orla do lago Paranoá começava a transparecer nesse processo temporal. Algumas casas particulares já eram construídas e estendiam-se as estruturas até as margens do lago, privatizando-as e evitando-se que essa parte do lago tivesse acesso público. A função social do lago que era a de promover encontros sociais começava, então, a ser ameaçada.

Entretanto, apesar desse processo desorganizado de ocupação da orla, na década de 1970, havia preocupação em preservar a bacia do lago Paranoá e, conseqüentemente, a qualidade de vida da população que era ameaçada pelo contínuo crescimento populacional.

No que diz respeito à ocupação da orla do lago, na década de 1980, foi feita a primeira importante avaliação, expressa no *Documento Brasília 57-85*, em que se mostrou que o *Relatório do Plano Piloto*, apresentado à banca julgadora do concurso de Brasília, sofrera algumas alterações significativas.

A primeira delas precedeu o próprio desenvolvimento: o conjunto da cidade deslocou-se para leste, e as habitações unifamiliares passaram para o outro lado do lago, alterando a forma de ocupação do espaço. A razão desse deslocamento foi a de reduzir a extensão da área vazia entre a cidade e o lago, que, no entendimento da comissão julgadora, seria, futuramente,

um espaço vulnerável a pressões no sentido de uma ocupação indevida e, assim, sujeito a modificações em sua função.

Segundo o *Relatório*, essas alterações foram feitas para preservar o ambiente natural do lago Paranoá, evitando-se, assim, possíveis ocupações irregulares da orla. Mas o que era para ser um plano de preservação bem elaborado transformou-se no inverso, pois diversas áreas na orla do lago foram invadidas por terrenos particulares nos Setores Habitacionais Individuais Sul, localizados no Lago Sul, modificando-se o espaço invadido de lazer coletivo para habitação individual.

Apesar de esse processo de ocupação dos espaços da orla não valorizar o bucolismo, o lago Paranoá foi beneficiado com o tombamento da cidade em 1987, pois a escala campestre batizada por Lúcio Costa haveria de ser preservada.

No início da década de 1990, ocorreu o envolvimento da política com a preservação e implantação dos pontos de lazer na orla do lago Paranoá, pois era uma necessidade da estrutura social da época. Com isso, pôde-se acreditar que a importância do lago para a promoção de lazer para a comunidade do DF começava a ser vista com mais atenção, voltando-se para sua função original.

Desse modo, na década de 1990, surgiram Planos Diretores para a preservação do lago e de sua bacia, promovendo-se, ainda, a utilização da orla para o lazer com projetos de infraestrutura em alguns pontos na margem do lago, o que efetivaria sua função de propiciar encontros sociais para a população.

Anteriormente, a forma pela qual se apresentava o lago Paranoá era a questão do abastecimento de água e do tratamento de esgotos. Por meio da implantação de infraestruturas na orla, o lago passaria a ter uma nova função mais evidente: a promoção do lazer para a comunidade.

No entanto a demora na elaboração de projetos de ocupação da orla do lago com vistas à função de lazer prejudicou o processo de formação de seu espaço. Atualmente, percebe-se, ali, uma grande área de utilização particular, o que, conseqüentemente, restringe o acesso público às margens do lago pela população local. Observa-se, ainda, que as áreas de uso

público são pequenas, com pouca estrutura e espalhadas pela orla em pequenos espaços de encontro.

7. Considerações finais

Na pesquisa, constata-se que o lago Paranoá de Brasília é importante para a promoção de lazer da comunidade local, pois é um grande espaço público que propicia um contato com a natureza da região.

Embora Lúcio Costa tenha afirmado que o lago seria a escala bucólica de Brasília, no início de seu crescimento demográfico, o lago foi esquecido e a população cresceu sem se aproximar de suas margens. Os primeiros indícios de aproveitamento lúdico da orla foram as construções dos clubes particulares, como o Iate Clube, que já estava previsto no plano original de construção.

Após a valorização do lago, surgiram diversas residências particulares no entorno, o que contradiz os planos de ocupação da cidade: utilizar toda a margem do lago para lazer e encontros sociais da comunidade. Com isso, uma parte considerável da orla passou a ser usada como residencial, modificando-se, assim, sua função inicial de acesso livre a todos.

O governo do DF, no início dos anos 1990, estabeleceu um projeto de ocupação de parte do entorno do lago Paranoá, denominado Projeto Orla, para atender às necessidades de lazer e acesso público da população de Brasília.

Porém o projeto inicial de ocupação das margens do lago Paranoá sofreu algumas alterações, reduzindo-se de 11 para nove os polos de atividades. Mesmo assim, a proposição do governo atenderia bem à promoção de lazer na orla, ao mesmo tempo em que valorizaria o lago Paranoá para a população.

Embora o Projeto Orla tenha sido um pontapé inicial para a valorização do entorno do lago Paranoá, o governo local não tem condições de implantar e manter tudo o que foi proposto, firmando-se contratos com o setor privado da sociedade, o que é fundamental para implantação de infraestrutura de grande porte e, também, para a geração de empregos e rendas

para a população. Desse modo, resta licitar a forma de ocupação da orla do lago e fiscalizar as atividades realizadas.

Atualmente, alguns polos do Projeto Orla se encontram em fase de negociação para sua implantação. A transição de um governo para outro atrapalha as negociações do projeto, pois alguns interesses políticos são diferentes e existe a briga partidária na cidade. Os únicos polos que, realmente, estão funcionando são o Pontão do Lago Sul, com uma excelente infraestrutura de apoio, o Complexo Brasília Palace, com os hotéis de grande rede nacional implantados no local e o Complexo Beira Lago.

A concretização da infraestrutura da orla do lago Paranoá reflete-se na permanência do turista na cidade, pois o turismo realizado em Brasília caracteriza-se, principalmente, como de negócios e eventos, e, se houver atividades interessantes a serem feitas, os turistas tendem a permanecer mais tempo na cidade.

Para que, no lago Paranoá, se cumpra, de fato, a função social em relação à comunidade, é importante que o governo e os setores privados da sociedade encontrem soluções viáveis de implantação de infraestrutura e estabeleçam medidas de preservação do entorno, pois um mau uso dessa área afeta diretamente na qualidade de vida da população.

Desse modo, as atividades realizadas, atualmente, na orla do lago necessitam desse apoio dos setores público e privado para garantir a promoção de um espaço adequado para o lazer e o desenvolvimento social.

Neste estudo, busca-se contribuir com novas discussões a respeito das inter-relações socioespaciais, baseadas nas categorias do método geográfico de Milton Santos e em suas influências nos debates de espaços públicos voltados para o lazer. Assim, acredita-se ser importante considerar a formação espacial com base em formas, funções, estruturas e processos temporais.

8. Referências

- ANDRADE, J. V. **Lazer: princípios, tipos e formas na vida e no trabalho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- BEAUJEU-GARNIER, J. **Geografia urbana**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.
- CAMARGO, L. O. L. **O que é lazer**. 3. ed. 2. reimpressão São Paulo: Brasiliense, 2003.
- CARLOS, A. F. A. **Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994.
- CARPINTERO, A. C. C. **Brasília: prática e teoria urbanística no Brasil, 1956-1998**. Tese de doutorado. USP, 1998.
- CARVALHO, E. A. **Ordenamento territorial, sustentabilidade e exclusão: viajando pelo Lago Paranoá**. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 1998.
- CORREA, R. L. **Espaço urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- _____. **Região e organização espacial**. 7. ed. 3. impressão. São Paulo: Ática, 2003.
- COSTA, L. **Relatório do Plano Piloto de Brasília: Brasília, cidade que inventei. Brasília: ArPDF, CODEPLAN, DePHA, 1991**.
- DUMAZEDIER, J. **A revolução cultural do tempo livre**. Trad. Luiz Otávio de Lima Camargo. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 1994.
- _____. **Lazer e cultura popular**. 3. ed. 1. reimpressão. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- _____. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1999.
- FERREIRA, I. C. B. O processo de urbanização e a produção do espaço metropolitano de Brasília. In: PAVIANI, Aldo. **Brasília, ideologia e realidade: espaço urbano em questão**. São Paulo: Projeto, 1985.
- FONSECA, F. O. (Org.) **Olhares sobre o Lago Paranoá**. Brasília: Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos, 2001.
- GEMZOE, L; GEHL J. **Novos espaços urbanos**. Trad. Carla Zollinger. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

- GHIRARDO, D. Y. **Arquitetura contemporânea**: uma história concisa. Trad. Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GOMES, P. C. C. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- GOTTDIENER, M. **A produção social do espaço urbano**. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.
- HERTZBERGER, H. **Lições de arquitetura**. Trad. Carlos Eduardo Lima Machado. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- JUNQUEIRA, L. D. M. **Lago Paranoá de Brasília**: análise de usos e ocupações do espaço da orla para o lazer. Dissertação de mestrado. Balneário Camboriú/SC: Universidade do Vale do Itajaí, 2006.
- KUBISTCHEK, J. **Porque construí Brasília**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.
- MADOZ, K. A. **Paranoá**: ambiente natural e urbanização. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 2004.
- MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer**: uma introdução. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- MOURÃO, R. R. F. **Luis Cruls**: o homem que marcou o lugar. Brasília: Qualidade, 2003.
- PAVIANI, A. (Org.) **A conquista da cidade**: movimentos populares em Brasília. Brasília: Universidade de Brasília, 1991.
- _____. **Brasília**: a metrópole em crise — ensaios sobre urbanização. Brasília: Universidade de Brasília, 1989.
- _____. **Brasília, ideologia e realidade**: espaço urbano em questão. São Paulo: Projeto, 1985.
- _____. **Urbanização e metropolização**. Brasília: Universidade de Brasília, 1987.
- PORTUGUEZ, A. P. **Consumo e espaço**: turismo, lazer e outros temas. São Paulo: Roca, 2001.

- REIS, C. M. **Brasília: espaço, patrimônio e gestão urbana**. Dissertação de Mestrado. UnB, 2001.
- RODRIGUES, A. B. (Org.) **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SÁ, L. F. S. N. **Ordenamento territorial urbano e gerenciamento dos recursos hídricos para abastecimento de água do Distrito Federal**. Dissertação de Mestrado. UnB, 1997.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo — razão e emoção**. 2. Ed. São Paulo: Hucitec, 1997b.
- _____. **Espaço e método**. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1997a.
- _____. **Por uma geografia nova**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986a.
- _____; SOUZA, M. A. A. (Orgs.) **O espaço interdisciplinar**. São Paulo: Nobel, 1986b.
- SOLÀ-MORALES, M. **Os centros das metrópoles: reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI**. Apresentação: Marco Antônio Ramos de Almeida. São Paulo: Terceiro Nome, Viva o Centro e Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- VASCONCELOS, J. A. **A mudança da capital**. Brasília: Senado Federal, 1978.
- VELOSO FILHO, F. A. **Análise das propostas de expansão urbana no Distrito Federal**. Dissertação de Mestrado. UnB, 1986.
- YURGEL, M. **Urbanismo e lazer**. São Paulo: Nobel, 1983.